

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

ANTONIO FERREIRA AQUINO

VAQUEJADA EM ALAGOAS: UMA REFLEXÃO ATUAL SOBRE A TRADIÇÃO DA
PEGA DO BOI NO MATO

Delmiro Gouveia
2022

ANTONIO FERREIRA AQUINO

VAQUEJADA EM ALAGOAS: UMA REFLEXÃO ATUAL SOBRE A TRADIÇÃO DA
PEGA DO BOI NO MATO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
corpo docente do curso de Licenciatura em
História, da Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana

Delmiro Gouveia

2022

Folha de aprovação

Antonio Ferreira Aquino

VAQUEJADA EM ALAGOAS: UMA REFLEXÃO ATUAL SOBRE A TRADIÇÃO DA PEGA DO BOI NO MATO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
ao corpo docente do curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Alagoas,
Campus do Sertão e aprovado em 28 de junho
de 2022.

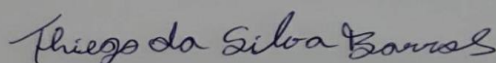


Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL (Orientador)

Banca examinadora:



Prof.^a Esp. Márcia Moreira Sandes Cavalcanti, UFAL (examinadora 1)



Prof. Esp. Thiago da Silva Barros, UFAL (examinador 2)

RESUMO

Esse trabalho aborda sobre as tradições dos vaqueiros e a pega de boi no mato, tradição do sertão nordestino, que têm origem a partir dos divertimentos das festas de apartações no pátio das antigas fazendas. A partir de artigos e dissertações, procuramos demonstrar as relações que existem entre o trabalho do vaqueiro como profissão e a diversão como prática esportiva. O presente trabalho origina-se dentro de alguns fundamentos, tais como, cultura e construção identitária do sertanejo e suas relações com a vaquejada e a pega de boi. Usando como localidade, comunidades do município Delmiro Gouveia AL. O qual buscou mostrar e entender a importância do evento da pega de boi, tanto para quem promove quanto para quem pratica. Na tentativa de compreender que esse vaqueiro tem como característica de ser um homem forte e de coragem para cumprir seus objetivos que é conseguir agarrar o gado bravo. A questão ambiental, maus tratos aos animais que são causados pela vaquejada tem lugar de destaque, bem como, o modo como acontecia a pega de boi no passado e como acontece nos dias atuais.

Palavras-chave: Vaquejada; pega de boi; sertão; Alagoas.

SUMMARY

This work deals with the traditions of the cowboys and the pega de boi no mato, a tradition of the northeastern hinterland, which originate from the entertainments of the apartments parties in the courtyard of the old farms. From articles and dissertations, we try to demonstrate the relationships that exist between the work of the cowboy as a profession and fun as a sport. The present work originates within some fundamentals, such as culture and identity construction of the sertanejo and its relations with the vaquejada and the pega de boi. Using as locality, communities of the municipality Delmiro Gouveia AL. Which sought to show and understand the importance of the ox magpie event, both for those who promote and for those who practice. In an attempt to understand that this cowboy has the characteristic of being a strong and courageous man to fulfill his goals, which is to catch the wild cattle. The environmental issue, mistreatment of animals that are caused by vaquejada has a prominent place, as well as the way in which the ox magpie happened in the past and how it happens today.

Keywords: Vaquejada; ox catch; sertão; Alagoas.

Sumário

Introdução	6
1. Estudos sobre o sertão e as vaquejadas: Considerações gerais	8
2. Pega de boi em Delmiro Gouveia: imagens e memórias	10
3. Considerações finais	21
Referências.....	23

Introdução

A prática da pega de boi no mato, é um evento que acontece na caatinga da região Nordeste e não sendo diferente no sertão alagoano, ou melhor dizendo no município de Delmiro Gouveia, de modo geral tem como característica, ação do vaqueiro na captura e derruba do gado bravo, essa prática tem raízes antigas e é passado de geração e geração – não sendo um evento novo, já existe a partir do século XIX e que nos dias atuais está correndo risco, ou seja, existe indícios de ameaça de deixar de existir em grande parte do sertão do Nordeste.

Desaparecimento esse, que pode ter como causa a extinção da vegetação nativa “a caatinga”, que vem perdendo espaço com os cercados que são divididos em pequenos lotes de terra. Dentro dessa perspectiva da pesquisa começa-se a mostrar de forma discreta a seguinte questão: como é que a profissão de vaqueiro e os eventos da pega de boi, ainda conseguem resistir na região sertaneja e semiárida do Nordeste?

O vaqueiro e a Pega de Boi no mato são elementos das tradições culturais do sertanejo, fazem parte do evento, que ao atrair a atenção desse povo e que vêm ainda reforçar a identidade com relação ao seu território. É necessário ressaltar que a pega de boi no mato tem características bem diferente das vaquejadas que são disputadas em uma arena, começando pelo valor da premiação, deixando até transparecer a extinção do costume da geração passada onde o vaqueiro corria dentro do mato fechado montado em seu cavalo vestindo seu gibão de couro para se proteger dos espinhos da vegetação característica do sertão que é a caatinga.

Dessa forma, mostra que ainda mantém viva essa tradição cultural que mostra a coragem e as habilidades desse homem sertanejo, que faz da vida de vaqueiro uma profissão como meio para sobreviver e não simplesmente como um esporte.

Este estudo sobre o vaqueiro e a pega de boi no mato também tem como foco expressar o ponto de vista existente na vida do campo, bem como o trabalho do vaqueiro no dia a dia e sua relação com o rebanho e a fazenda para que se possa chegar a uma melhor compreensão sobre esse evento.

Poder também conhecer um pouco da construção de sua identidade cultural, memórias de uma coletividade onde o vaqueiro de hoje se espelha na coragem, qualidade e seu espírito de bravura do vaqueiro de antigamente para poder construir sua própria história. Portanto, estes artigos têm intuito de fazer uma abordagem sobre a pega de boi no mato e a relação sociedade natureza do homem sertanejo, tendo como recorte geográfico a cidade de Delmiro

Gouveia AL, no qual será utilizada a pesquisa bibliográfica seguido de uma abordagem descritivo-explicativa e, por último, uma pesquisa exploratória acerca do fato estudado. A pega de boi no mato é uma prática que ainda acontece na caatinga do sertão alagoano e que têm como característica a atuação do vaqueiro na perseguição e derrubada do gado. É a respeito dela que apresento neste artigo algumas considerações referentes ao projeto de pesquisa desenvolvida, particularmente no que se refere às relações particulares estruturadas por essas atividades no município e região vizinha.

A área de estudo é a Zona rural do município de Delmiro Gouveia AL. O município fica localizado na microrregião alagoana do sertão do São Francisco, com uma área de aproximadamente de 605,395 km² e mais de 50.000 habitantes, tem clima quente e seco, é caracterizada por áreas de escassez de água, e tem como vegetação predominante a caatinga. A escolha do município de Delmiro Gouveia se deu por manter viva suas raízes culturais e a tradição da pega de boi no mato, diante de um clima tão violento de seca. No qual pretende desenvolver a pesquisa por meio de entrevistas com pessoas que praticam e promovem esse evento.

Espera-se no desenvolvimento e conclusão deste trabalho obter resultados que atendam à demanda do seu objetivo geral, e seus objetivos específicos, referente a análise da relação cultural do vaqueiro com a pega de boi no mato e sua relação sociedade e natureza.

A pesquisa se origina através das abordagens com o sentido de ampliar o conhecimento sobre um objeto que têm pouco estudo sobre ele e que está sendo estudado, ao apontar perspectivas para novos estudos. Nessa direção, será mostrado como se dá a interligação do vaqueiro, sociedade e o meio ambiente.

Justificamos esse estudo por sua importância para o acervo bibliográfico e cultural do município, lembrando as origens, de um povo que nunca perdeu a vontade de lutar, bem como não deixando que as tradições sejam esquecidas pela globalização e pelo êxodo rural. Além de compreendermos a relação do vaqueiro e a pega de boi e como estão se mantendo vivas tais culturas e tradições nos dias atuais, além de demonstrar se há políticas públicas que contribui para preservação da cultura e tradição local.

Os objetivos são: compreender a relação cultural do sertanejo na figura do vaqueiro e a tradicional pega de boi no mato e sua relação com a sociedade e a natureza. Além de identificar aspectos relacionados à cultura e o significado dessa prática no município de Delmiro Gouveia; mostrar como se dá a interação dos valores do vaqueiro com a caatinga na pega de boi no mato; discutir sobre as relações sociais dos vaqueiros e da pega de boi no mato, e sua colaboração para não serem extintos.

Nessa perspectiva, esboça-se a questão de pesquisa: Como o vaqueiro e a sua tradicional Pega de Boi no mato, vem resistindo no município de Delmiro Gouveia mesmo com o problema da seca e a falta de alimentação e falta d'água para os animais?

1. Estudos sobre o sertão e as vaquejadas: Considerações gerais

Sabe-se que a relação entre o vaqueiro e a pega de boi no mato não é um acontecimento novo, mas uma prática que acontece praticamente desde o século XVII. Existe várias interpretações a respeito desse universo sertanejo, (PRADO JUNIOR, 2008 p.46) afirma que, “A fazenda é dirigida por um administrador, o vaqueiro” e é através dessas interpretações e argumentos que percebemos que os vaqueiros do sertão nordestino se estabeleceram como trabalhadores durante o processo de colonização, e esse vaqueiro era o responsável pela fazenda.

Além de responsável pela fazenda segundo (ANDRADE, 2005 p.154):

O vaqueiro providenciava a construção de cacimbas durante a seca e a condução do gado aos bebedouros, assim como cortava os “ramos”, as cactáceas e macambira, alimentos que mitigavam fome dos animais nos meses secos quando não haviam pastagem.

Nessa época o vaqueiro recebia como forma de pagamento parte dos animais que nascia na fazenda que ele tomava conta, muitas vezes esse vaqueiro chegava a formar seu próprio rebanho. Em determinada época do ano, reuniam-se vaqueiros da região para fazer a separação do gado e também ferrar (marcar) para que esse gado pudesse ser reconhecido pelo seu respectivo dono.

A vaquejada é um dos principais símbolos da Nordeste, surgiu entre os séculos XVII e XVIII em uma época que as fazendas não eram delimitadas e que o gado era criado solto, assim, na época da ferração eram contratados homens ágeis capazes de seleciona-los para fins comerciais. O vaqueiro poderia ter ainda a função de transportar o gado de uma região a outra ou levar o gado para se alimentar [...]. Nesta época ser vaqueiro era profissão já que era dessa atividade que esses homens tiravam o sustento das famílias, a profissão era predominantemente masculina e envolvia toda uma especialização física e de vestuário. A roupa do vaqueiro era cuidadosamente escolhida a fim de lhes proteger da vegetação nativa do sertão que continha algumas plantas com espinhos e de proteger do forte sol”. (LOBO, 2014 p.10)

E é com base nessas reuniões, que se encontravam dezenas de vaqueiros nas fazendas, com o propósito de fazer a separação do gado que se dá o início da chamada pega de boi no

mato. As reses que fugiam para o mato na hora de serem marcadas, eram perseguidas pelos vaqueiros no meio da caatinga com o intuito de captura-las e traze-las de volta para o meio do rebanho. A roupa feita de couro o “Gibão” é essencial para proteger o vaqueiro das plantas de espinhos da caatinga, o cavalo também usa proteção para não se machucar durante a perseguição.

Mas as vaquejadas não se resumem apenas as festas, pois também englobam um lado negativo, que são denúncias sobre maus tratos com o gado antes e depois que ele é colocado na arena. Thomas Silva (2008), sob a ótica jurídica, cita Geuza Leitão (2007 e Castelo Branco (2007) respectivamente, argumentando que “é crime previsto no Art. 32 da Lei de Crimes Ambientais (Lei 9605/1998) e Art. 32, § 1º, VII da Constituição Federal. Estudos da UIPA e pareceres de médicos veterinários dão conta da violência e dor sofridas pelos animais numa vaquejada” e que “de acordo com a Lei nº 9.605, artigo 32, considera-se crime de crueldade, esse tipo de tratamento aos animais em vaquejada”. (SILVA, 2008, apud CUNHA, 2018 p.116)

A pega de boi no mato é uma prática que acontece regularmente na caatinga nordestina e se caracteriza de um modo geral, pela atuação do vaqueiro em perseguir e capturar o gado e que sua existência tem atravessado séculos e contemporaneamente está ameaçada de desaparecer na maior parte do sertão nordestino, ou já desapareceram de lá.

Assim, a vegetação nativa que é a caatinga, que também sofre o risco de desaparecer por consequência do desmatamento desordenado. Também é de importância destacar, que os termos vaquejada e pega de boi no mato são muitas vezes empregados para denominar as mesmas atividades.

A vaquejada é descrita pelos vaqueiros como esporte, no qual dois vaqueiros (o puxador e o bate-esteira) procuram derrubar a rês numa faixa de terra, também chamada de pista. A análise e a pontuação variam de acordo com os critérios válidos para a derrubada do gado na faixa apropriada para a queda, com dez metros de largura, desenhada com cal no chão da pista. Diferente da pega de boi, a vaquejada é marcada pela padronização do espaço e da arena, onde ficam a pista e as arquibancadas. A ideia é que apenas vaqueiros profissionais tomem parte nas competições do evento, já que são caracterizadas por grandes investimentos e atraem grande público no Nordeste”. (CUNHA, 2018, p.116)

E é com base nas relações entre esses eventos, que podemos pensar que as novas gerações de jovens, talvez tenham a ilusão que o vaqueiro tradicional foi extinto ou pior, alguns jovens podem até não conhecerem a figura do sertanejo e suas atividades. Cujo homem que monta cavalo e pega boi solto no mato dentro da vegetação nativa dos solos que sofrem com a escassez de água. Mas em alguns lugares do estado, homens bravos, mantem viva a tradição que faz do ser vaqueiro e a pega de boi no mato uma profissão ou um esporte.

O tema é do nosso interesse pelo entendimento da sua relevância social e cultural. Para isto refletimos sobre a permanência desta manifestação, a “pega” e “vaquejada

de boi-no-mato”, mantenedora de elementos rústicos frente ao universo da “indústria cultural” que bem oferta “entretenimento de massa””. (SANTOS, 2016 p.16)

A tradição do vaqueiro na pega de boi no mato é uma atração cultural que além de atrair o sertanejo ainda reforça a sua identidade territorial, refletindo o seu dia-dia e o seu espaço vivido. Nos municípios do sertão nordestino onde ainda são mantidas estas festas, a identidade cultural está construída por meio de símbolos de uma memória coletiva, alicerçada por histórias de bravura, coragem e sagacidade dos vaqueiros de antigamente.

O pesquisador Gilddens (2007, p.56-57) destaca esta funcionalidade e afirma que a festa é considerada uma tradição na medida em que “o passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos partilhados”.

2. Pega de boi em Delmiro Gouveia: imagens e memórias

A pega de boi no mato, é um evento que faz parte da identidade, cultura do sertanejo alagoano, principalmente algumas comunidades do município de Delmiro Gouveia e região vizinhas, a cidade está localizada no Sertão de Alagoas. A pega de boi nos dias atuais, acontecem com uma configuração totalmente diferentes, o que antes eram realizados em pátios das antigas fazendas, tradicionais e muito comum na região sertaneja, comumente a prática acompanhavam festas, estas chamadas de apartações, que Andrade (2005 p. 154), destaca da seguinte forma:

Reuniam-se os vaqueiros de várias sesmarias para apartar o gado, separando os animais de propriedades diversas e ferrando os novos. Essas reuniões, que eram chamadas “juntas” ou “apartações”, tornavam-se verdadeiras festas, pois reuniam vaqueiros das mais diversas procedências.

A configuração atual da pega de boi que acontece em comunidades do município de Delmiro Gouveia, são colocadas enquanto reuniões de vaqueiros - que acontecem da seguinte forma: a pessoa responsável pela organização do evento elabora um calendário com os dias, o melhor mês que irá ocorrer as festividades, seguindo de divulgação, premiação, patrocínio, bem como, o valor de uma taxa de inscrição que será paga pelo vaqueiro para poder participar da pega, é importante destacar as modalidades da pega que são:

Boi de curral: é construída enquanto uma modalidade que possui um curral no meio da caatinga onde se reúnem os vaqueiros, e o gado que está selecionado para ser pego é preso

nesse curral, em seguida esse gado bravo será solto um a um para ser perseguido pelo vaqueiro, aqui os vaqueiros correm em dupla, não sendo permitido a interferência de uma terceira pessoa. O que resulta em uma desclassificação da dupla que está em ação no momento, é importante destacar que nem sempre o vaqueiro vai levar vantagem sobre o boi, por maior que seja hábil, experiente e que tenha um cavalo bem treinado, muitas das vezes o boi vai ser o protagonista da festa. Importante também é a presença de uma pessoa que fiscaliza, para quando o animal se afastar da visão e do alcance do vaqueiro comunicar a desclassificação da dupla.

Boi de solta: como o próprio nome já sugere, boi de solta é a modalidade que o gado selecionado para ser perseguido e solto no mato, podendo ser pego por várias pessoas, ou seja, vários vaqueiros podem perseguir o mesmo animal. Torna-se importante ressaltar que, os animais quando são soltos, levam no seu corpo uma identificação, tipo um colar ou um crachá que será retirado do animal no momento que este for pego, essa identificação servirá para receber a premiação que foi colocada naquele animal, sem que seja preciso encaminhar o animal para o dono, lembrando que, cada boi ou novilha tem um preço de recompensa, quanto mais arisco é o animal, maior o valor do prêmio.

Os eventos de pega de boi que acontecem em algumas comunidades do município de Delmiro Gouveia, são organizados por pessoas que moram em comunidades diferentes, ou por pessoas que moram na mesma comunidade, porém, a pega de boi é realizada em meses diferentes. Como exemplo, podemos citar que, dois moradores da comunidade Jurema um deles promove a festa na segunda semana de julho e outro no mês de setembro, já um morador da comunidade Olho D'aguinha tem sua festa programada para o mês de maio. É de suma importância destacar que, por causa da pandemia COVID-19, nos últimos dois anos essas datas sofreram algumas alterações ou até mesmo o cancelamento das festas.

Outro ponto para destacar está em relação a condição do vaqueiro e local de morada, para Pereira (2016 p.65):

Por outro lado, muitos homens, atualmente, só por correrem nas pegadas de boi ou frequentarem as vaquejadas, se dizem vaqueiros, mesmo não vivendo no campo. Contudo, tanto para o vaqueiro da lida quanto para o vaqueiro da vaquejada é imprescindível saber a técnica de pegar o boi na caatinga e de dar uma carreira, um tipo de conhecimento de técnica que de certa forma são compartilhadas, cada um à sua maneira, tanto pelos bons vaqueiros quanto pelos menos experientes.

Quanto a questão de morar no campo ou na cidade, como ressalta o autor, não quer dizer que o vaqueiro seja bom ou ruim, o que vai contar sua trajetória, experiência naquilo que se propõe a fazer, muitos vaqueiros moram na cidade, porque geralmente trabalham em

alguma empresa, na tentativa de viver com melhores condições de vida. Motivado geralmente pelas condições do trabalho como vaqueiro em uma fazenda, não conseguem se manter dignamente, de fato morar na cidade, não significa o abandono de suas raízes, heranças culturais e identitárias, assim, sempre que ocorrem eventos, nas modalidades, estão sempre empenhados na participação e montados em seus cavalos.

Além da localidade e do êxodo enquanto profissão central outro problema enfrentado é o espaço físico, este que:

O espaço físico necessário para a competição ou brincadeira de pega de boi não é delimitada (contanto que seja caatinga, no mato) e muitas delas ocorrem sem fins lucrativos, no sentido de que seus organizadores realizam as vaquejadas às vezes com o mínimo de recurso financeiros, mas com a finalidade de os vaqueiros terem estrutura básica para correrem e se divertirem como, por exemplo: a alimentação para os competidores e seus cavalos, premiação em forma de dinheiro ou troféu e, na maioria das vezes um certo momento de descontração ao som de forró de vaquejada (com alguma banda ao vivo ou, as vezes, apenas ao som de paredão – estrutura de caixas amplificadas)”. (Ibid., p. 66)

O espaço físico não é delimitado, porém as cercas de arame farpado vêm aumentando, fazendo com que esses espaços diminuam e aumentem o número de pequenos cercados. Loteamentos pequenos, que acabam prejudicando drasticamente as corridas no mato, além das mudanças que cada vez ficam frequentes, assim motivam mais demandas e tempo para a organização ao alterarem os currais que são construídos em meio as caatingas sertanejas alagoanas. Além, da apreensão das pessoas que é criada em relação as pegas de boi, é cada vez mais real a extinção das práticas, com a diminuição das grandes faixas de terras, desmatamento desordenado, ou até mesmo o êxodo rural, são fatores de risco.

Nestes eventos de vaquejada de pega de boi, é indispensável a presença de aboiadores, cantores de toadas, é muito comum nas toadas, os autores relatarem a vivência do vaqueiro na sua luta do dia-dia, bem como o relato da sua coragem para com trabalho pesado com o gado, suas paixões e suas decepções. Nessa toada destaca-se bem o drama do vaqueiro em relação a forma que este é tratado pelo seu patrão:

Fui um vaqueiro de fama que corri dentro da rama
nem eu mesmo sei da soma dos touros que já peguei
mais a velhice chegou minha fama se acabou
agora pra onde vou depois de velho não sei
patrão lhe entrego a fazenda a morada e a vivenda o
armazém e a tenda não posso mais trabalhar lutar mais
não aguento não monto mais num jumento me arranje um
apartamento e uma casa pra morar
disse o patrão desgraçado por mim está dispensado se
está velho e acabado va morrer em outro canto eu não

lhe dou agasalho só quis mesmo seu trabalho não quebro
 mais o seu galho nem que você fosse um santo
 disse o vaquero obrigado por ter assim me tratado
 entrego a Jesus amado a Deus e Nossa Senhora com
 magoas do seu patrão chegou no pé do mourão disse pro
 seu alazão amanhã eu vou me embora
 adeus cavalo granfino pecado, monza e destino parágua,
 ruke e traquino maconheiro e bem te vi, adeus meu burro
 marfim por causa de um patão ruim do coração de caim eu
 vou embora daqui,
 adeus vaca campineira, baiana e a bananeira ponta de
 lança e praieira pretinha e manapulão adeus touro
 javali jurua e cravangi que eu vou embora daqui com
 uma dor no coração
 dali partiu o vaquero sem apoio e sem dinheiro foi
 para o rio de janeiro e hoje está bem velhinho,
 portanto amigos vaqueiro cuidado meus companheiros
 economize os cruzeiros real centavos e vintens não
 pense só em farra tomar cachaça e gastar pra quando
 velho ficar não ser pesado a ninguém. (Vaqueiro de Fama, Galego Aboiador)

Além desse tipo de toada que relata a relação do vaqueiro e seu patrão, ainda sobra espaço para os aboios que fazem referência a morte.

Meus irmãos quando eu morrer
 Não quero choro nem vela
 Quero um chapéu de couro
 E uma roupa amarela
 Pra quando eu chegar no céu
 Dizer que a vida foi bela
 Ô boi... (Lila, Maria das Neves Araújo Chaves – São José dos Ramos)

Existe ainda aqueles aboios religiosos como destaca (MAURÍCIO, 2014, p.185)

Agradeço a Jesus Cristo
 Por ter me dado atenção
 Por ter me dado esse dom
 Que foi pro meu coração
 Pra eu aprender a aboiar
 Fazer verso e canção (Zé Val - São José dos Ramos)

Esses aboios e toadas fazem parte da vida do vaqueiro, são cantigas e versos que abordam diversos temas tais como: religioso, de morte, tristeza, enfim e muitos desses versos são feitos na hora, no momento que estão participando de algum evento.

Dentre algumas determinações do governo do Estado de Alagoas (CAROLINA SANCHES, 2016) destaca que:

O governador de Alagoas, Renan Filho (PMDB), sancionou a lei que torna vaquejada Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas. A determinação foi publicada

no Diário Oficial do Estado (DOE) Além da vaquejada, a Lei de número 7.851, reconhece o rodeio e o laço como expressões artístico-culturais pertencentes ao patrimônio de natureza imaterial. A publicação traz que as atividades estão ligadas à vida, identidade, ação e memória de grupos formadores da sociedade alagoana.

Lei que foi aprovada em 2016, mas já trazia várias discussões por parte de grupos de defensores dos animais.¹

Derek Gustavo (2016) em uma reportagem chama a atenção para essa questão a respeito dos maus tratos aos animais:

Apesar de toda a tradição envolvida, defensores dos animais criticam a realização das vaquejadas, pois acreditam que é uma forma de crueldade contra os animais. Uma delas é a psicóloga Luceli Mergulhão, que já atua na causa há 20 anos. Para ela, não há comprovação de que a vaquejada traga qualquer tipo de contribuição positiva para a população[...]. ‘Acredito que ninguém seja a favor de uma coisa dessas. Como é possível se divertir com o sofrimento dos animais? Nada que oprima, denigre ou inferiorize qualquer ser vivente é justo ou deve ser usado para entretenimento. É preciso respeito’, diz Luceli [...]. ‘Durante as vaquejadas, os vaqueiros puxam os bois pelo rabo para derrubá-los em determinado ponto marcado previamente na arena’. Ainda segundo Luceli, isso pode fazer com que os animais se machuquem bastante e até tenham ossos quebrados na queda. [...] ‘Fico constrangida com esses esportes, onde o homem mostra força em cima de um ser inferior a ele. É tudo muito ruim, muito pré-histórico. Se querem valorizar a cultura, que valorizem o bumba-meu-boi, por exemplo, que é histórico e folclórico’, conclui a defensora”. (Derek Gustavo 2015)

Os defensores dos animais são contra a essa aprovação da lei que torna a vaquejada patrimônio cultura imaterial de Alagoas, sob alegações de que² animais são maltratados durante o momento da pega e que é uma atividade que pratica crueldade para com os animais, os praticantes por outro lado, não concordam com ativistas.

Embora reconheçam que os animais possam sofrer acidentes, mas afirmam que a prática da pega de boi não tem a finalidade de machucar os animais. Durante as corridas de pega de boi no mato, os animais que participam, usam uma identificação, no momento que este é capturado, retira-se esta identificação e o animal é solto, sem ser preciso reconduzi-lo de volta para o curral, isso faz com que o animal não sofra nenhum tipo de lesão ou estresse.

Abaixo alguns registros fotográficos da prática de pega de boi em algumas regiões sertanejas delmirenses e próximas:

¹ <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/12/sancionado-projeto-de-lei-que-torna-vaquejada-patrimonio-cultural-em-al.html>

²<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2015/06/vaquejada-pode-virar-patrimonio-cultural-imaterial-de-alagoas.html>

Fotos 1 e 2 – Preparativo para a saída dos vaqueiros no povoado Jurema.



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.

Fotos 3 e 4 - Gil vaqueiro morador de Delmiro Gouveia –AL / Nildo e companheiros



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.

Fotos 5 e 6 -Adriano Baiano e Cícero, moradores da comunidade Olho D'aguinha



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.

Fotos 7 e 8 - Vaqueiro mais velho da festa / Vaqueiro mais jovem da festa



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.

Foto 9 - Momento da saída para o campo



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.

Foto 10 - Dina Vaqueira



Fonte: blogs.opovo.com.br, 2018.

Foto 11 - Socorro Aristóteles com seu irmão



Fonte: Acervo pessoal - Antônio Aquino, 2022.

Apesar da pega de boi ser mais praticado por homens, não é muito difícil encontrar mulheres que fazem parte desse universo, mulheres como a dona Dina, moradora do sertão do Ceará, mais precisamente no município de Canindé. Mas além dela é possível encontrar muitas outras aqui no sertão alagoano, mulher como Socorro Aristóteles, moradora de uma comunidade do sertão alagoano próximo da cidade de Delmiro Gouveia-AL.

Filha e irmã de vaqueiro e que já têm no sangue a vontade e o prazer de praticar a pega de boi ou tão somente trabalhando com o gado na luta diária ou ainda participando no apoio na promoção dos eventos. Sendo assim, a presença feminina é de grande valia para a profissão ou o esporte da pega de boi, mostrando que a mulher é bastante forte e não é simplesmente o sexo frágil como rotulado em uma cultura que a mulher não é vista ativamente em posições tidas como masculinas.

As imagens que foram mostradas anteriormente, mostram os vaqueiros vestindo uma roupa de couro conhecida como gibão. As vestimentas usadas pelo vaqueiro para correr dentro do mato fechado, tem que estar em bom estado de conservação para proporcionar uma boa performance, também ofereça a máxima proteção para aquele que usa. O gibão de couro é o acessório utilizado para a proteção do vaqueiro no momento em que ele sai para campear, o cavalo, como bom parceiro do vaqueiro, também tem seus acessórios de segurança, onde são

utilizados como matéria-prima para sua confecção o couro, e se faz necessário, que este couro passe por um processo de preparação para a fabricação do gibão, tendo em alguns destes elementos decorativos no acabamento.

Euclides da Cunha (1984 p.53) chega a dizer que:

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Como vemos, Cunha faz uma comparação do vaqueiro nordestino com um guerreiro medieval onde este se veste de uma armadura quando sai para uma batalha, o gibão de couro é na verdade a armadura do vaqueiro utilizada para sua proteção contra a vegetação espinhosa da caatinga do sertão nordestino. Logo depois de vestir seu equipamento de proteção, vaqueiro e cavalo estão prontos para saírem para o mato a procura dos animais fugidos.

3. Considerações finais

Nesta pesquisa podemos perceber que há uma abrangência em algumas áreas do conhecimento tais como cultural, identitária regional e ambiental. A produção deste trabalho tem como plano de fundo a região do município de Delmiro Gouveia - AL. No qual enfatizou a cultura da vaquejada de pega de boi está viva e que permanecerá ainda por muito tempo, apesar dos desafios, como têm se mantido até hoje. Pontos que se destacam também é a questão do evento como esporte ou profissão bem como, questões ambientais, maus-tratos aos animais e leis de proteção para os mesmos.

Provavelmente esta pesquisa pode nos dar resultados sobre algumas reflexões no que se refere as práticas da vaquejada de pega de boi, mas também se percebe a questão da identidade e cultura do sertanejo. O evento vai além de ser um esporte ou profissão, existe aí uma conexão entre sertanejo, cultura e pertencimento. Que conseguimos visualizar, é a questão das modalidades praticadas na pega de boi, que são denominadas de boi de curral e boi de solta, onde ambas têm o mesmo objetivo que é capturar o gado.

Verifica-se também a relação entre vaqueiro, os animais e o meio ambiente. Outra situação é a que trata da lei de proteção aos animais, onde defensores dos animais se utiliza

dessa lei para tentar cancelar eventos. Ainda no que se refere a cancelamento, a pandemia do COVID-19, foi uma adversidade para a pega de boi nos anos de 2020 e 2021, tendo festas adiadas devido as aglomerações e as condições sanitárias.

Vale salientar, que na vida de vaqueiro e no evento da pega, as mulheres também têm seu lugar de destaque, provando que a mulher vaqueira não deixa a desejar no desenvolvimento do seu trabalho em um meio que é considerado masculino.

Com base no que foi discutido, nota-se que ainda existe muitas questões para serem respondidas a respeito dos eventos da pega de boi em relação vaqueiro e trabalho, e que diante disso não podemos permitir que a globalização e o êxodo rural deixem que essa tradição seja esquecida.

Referências

- ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2005.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. **Uma relação entre vaqueiros e seus animais no sertão pernambucano**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2018
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.
- GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole o que a globalização está fazendo de nós**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- LOBO, Z. A. Raízes do Nordeste: a vaquejada e a memória do sertanejo através das letras do forró eletrônico (Fortaleza, 1990-1995), **História e Culturas**, Fortaleza, v. 2 , n. 3, p. 173-187, jan.-jul. 2014.
- MAURÍCIO, M. L. Aboio: cantos de trabalho de vaqueiros nordestinos. **Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN**, Natal, v. 15, n.1, p.184 - 189 jan./jun. 2014
- PEREIRA, Renan Martins. **Dominação e confiança: vaqueiros e animais nas pegadas de boi do sertão de Pernambuco**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 11 n. 2 jul/dez. 2016.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- SANTOS, José Adeilson. **Um boi Zepelim enfeitado: trajetória de vida do “Doutor de Vito” e as vaquejadas de pega-de-boi no mato no sertão sergipano dos anos 1950**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, 2018

Sítios eletrônicos

- GUSTAVO, Derek. **Vaquejada pode virar Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas**. <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2015/06/vaquejada-pode- virar-patrimonio-cultural-imaterial-de-alagoas.html>
- SANCHES, Carolina. Sancionada lei que torna vaquejada patrimônio cultural em Alagoas. <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/12/sancionado-projeto-de-lei-que-torna-vaquejada-patrimonio-cultural-em-al.html>.
- <https://blogs.opovo.com.br/c4noticias/2018/02/24/historia-de-uma-mulher-que-sempre-gostou-do-perigo/>